Parte 1 - Pesquisa qualitativa: conceitos básicos

Interpretação da história do pensamento geográfico pelo método hermenêutico

Flamarion Dutra Alves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALVES, F.D. Interpretação da história do pensamento geográfico pelo método hermenêutico. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 37-54. ISBN 978-85-7511-443-8. <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0004>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Interpretação da história do pensamento geográfico pelo método hermenêutico*

Flamarion Dutra Alves

O processo investigativo da história do pensamento geográfico pode ser realizado de diversas maneiras para elucidar as questões teóricas e metodológicas do pesquisador, da temática, da escola ou do ramo da geografia. Os textos representam um mosaico de informações e pensamentos que podem ser compreendidos por várias formas de análises textuais. Assim, o esquema metodológico adotado aqui para entender a história do pensamento geográfico seguirá uma tendência plural, partindo da explicação do pluralismo metodológico e da escolha dos métodos. Em seguida, abordar-se-á a questão paradigmática na ciência.

Os estudos da história do pensamento geográfico tendem a realizar divisões ou classificações por escolas, correntes ou linhas de pensamento, o que não é a única forma correta de interpretar o contexto geográfico, mas apenas uma das maneiras de fazer isso.

Essas divisões devem ser balizadas por um paradigma/uma filosofia dominante que dita a escolha das teorias e dos métodos de certo grupo de cientistas. Kuhn (1975) explica essa mudança de paradigmas na ciência e, por isso, serve de referência aos estudos de história do pensamento geográfico. Com base em suas ideias, faremos aqui uma subdivisão teórico-metodológica, primeiro, periodizando por décadas a produção

* Este texto é fruto da tese de doutoramento desenvolvida por Alves (2010), que verificou as transformações metodológicas da geografia agrária brasileira por meio de periódicos e revistas científicas entre 1939 e 2009.

bibliográfica dos periódicos em geografia de 1939 a 2009 e, depois, classificando-a por paradigmas e filosofias.

As técnicas de pesquisa corresponderão a análises de conteúdo e discurso, o que dará clareza à interpretação e compreensão dos textos pesquisados e permitirá decifrar a filiação metodológica em que estão inseridos os autores.

Inicialmente, faremos uma breve explicação sobre as definições terminológicas dos elementos metodológicos, as quais, ao longo da história da geografia agrária, têm servido como balizadoras do discurso geográfico.

Elementos metodológicos da investigação da história da geografia

Para entendermos os diferentes métodos e técnicas empregados na investigação da história da geografia, faremos uma breve distinção entre método e metodologia, visando elucidar as terminologias existentes e explicar suas diferenças. Muitas vezes, há inúmeras confusões no emprego de definições em uma pesquisa científica.

Método

Trata-se de um instrumento organizado que procura atingir resultados. Está diretamente ligado à teoria que o fundamenta. Conforme Japiassú e Marcondes (2001), é um conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam atingir determinado objetivo. Segundo Lalande, o método é “o caminho pelo qual se chegou a determinado resultado” (p. 678).

Sposito (2004) cita alguns elementos que estão imbricados no método, como doutrina, ideologia, teoria, leis, conceitos e categorias. Esses elementos dão a cada método uma característica particular, a qual os diferencia dos demais.

Buscando caracterizar o método, Bachelard (1983, p. 122) diz que este “é verdadeiramente uma astúcia de aquisição, um estratagema novo, útil na fronteira do saber”, e que o método científico é “aquele que procura o perigo [...] e a dúvida está na frente, e não atrás”. Logo, “não é o objeto que designa o rigor, mas o método” (p. 122).

Portanto, o método é uma maneira de obter os resultados. O pesquisador utiliza uma teoria para fundamentar seus pensamentos, citando, por exemplo, método dialético, indutivo, dedutivo, fenomenológico, hermenêutico, entre outros.

Metodologia

Corresponde aos procedimentos utilizados pelo pesquisador, material e métodos, em determinada investigação, ou seja, às etapas a seguir em dado processo. Segundo

Lalande, “é a subdivisão da lógica, que tem por objeto o estudo *a posteriori* dos métodos e, mais especialmente, vulgarmente, dos métodos científicos” (1999, p. 680). Contempla todos os elementos que constituem os passos a serem tomados na pesquisa (esquema 1).

Esquema 1 – Organização da estrutura metodológica segundo seus elementos

Fonte: Alves (2010, p. 25).

Nesse esquema, encontra-se uma síntese dos elementos que compõem a metodologia, os quais deverão estar incluídos na pesquisa científica para o desenvolvimento do processo investigativo. Alguns deles serão mais evidenciados ou trabalhados com mais ênfase em nossa análise, devendo ficar clara a base teórico-metodológica dos autores em questão ou dos momentos da história da geografia agrária.

Ruptura de paradigmas na ciência

Uma ciência é composta por seus paradigmas, que norteiam a direção das pesquisas e a fundamentação de todo arcabouço teórico, conceitual e técnico. Nesse senti-

do, concordamos com o pensamento de Kuhn (1975) sobre a criação de paradigmas e de uma estrutura básica em cada ciência, fundamentada por teorias e métodos.

A constituição de novos paradigmas científicos impõe outra dinâmica, qualquer que seja o campo de saber em que nos situemos. A história do conhecimento se desenvolve à luz da linguagem; é a partir da articulação linguística que se produzem conceitos acerca da realidade, os quais, em seu conjunto, formam o terreno de qualquer investigação.

As ideias de Kuhn (1975) servem para explicar a mudança das bases teórico-metodológicas de cada escola do pensamento na geografia. O que faz mudar ou diminuir uma tendência de pensamento? Que motivos fazem os paradigmas permanecerem vigentes ou combinados a outros?

As divisões existentes na geografia estão ligadas a paradigmas, filosofias ou doutrinas que caracterizam um grupo de cientistas; assim, “a existência de um paradigma nem mesmo precisa implicar a existência de qualquer conjunto completo de regras” (Kuhn, 1975, p. 69).

Dessa forma, existe um padrão metodológico que baliza as pesquisas e a ocorrência de escolas de pensamento: “Os paradigmas orientam as pesquisas, seja modelando-as diretamente, seja por meio de regras abstratas” (p. 72). As rupturas de paradigmas e as mudanças de bases teórico-metodológicas estão ligadas às questões de sua funcionalidade e validade:

O período pré-paradigmático, em particular, é regularmente marcado por debates frequentes e profundos a respeito de métodos, problemas e padrões de solução legítimos – embora esses debates sirvam mais para definir escolas do que para produzir um acordo. [...] a decisão de empregar determinado aparelho e de empregá-lo de um modo específico baseia-se no pressuposto de que somente certos tipos de circunstâncias ocorrerão. Existem tanto expectativas instrumentais como teóricas, que frequentemente têm desempenhado um papel decisivo no desenvolvimento científico (pp. 72-3, 86).

Assim, essas mudanças de orientação teórica e metodológica são salutares ao desenvolvimento científico: “Os procedimentos e aplicações do paradigma são tão necessários à ciência como as leis e teorias paradigmáticas [...] mudança de paradigma, e, portanto, uma mudança nos procedimentos e expectativas” (1975, p. 87).

O sentido de mudança paradigmática é observado na ciência cada vez que existe uma fragilidade ou crise:

Na ciência [...] a novidade somente emerge com dificuldade (dificuldade que se manifesta por meio de uma resistência) contra um pano de fundo fornecido pelas expectativas. Inicialmente, experimentamos somente o que é habitual e previsto, mesmo em circunstâncias

nas quais mais tarde se observará uma anomalia. Contudo, uma maior familiaridade dá origem à consciência de uma anomalia ou permite relacionar o fato a algo que anteriormente não ocorreu conforme previsto. [...] Quanto maiores forem a precisão e o alcance de um paradigma, tanto mais sensível este será como indicador de anomalias e, consequentemente, de uma ocasião para uma mudança de paradigma (pp. 90-2).

Para Burton, sempre existe, e é necessária, a troca de paradigma vigente ou de ideia dominante:

Uma revolução intelectual está terminada quando as ideias aceitas tenham sido derrubadas ou modificadas para incluírem novas ideias. Uma revolução intelectual está terminada quando as próprias ideias revolucionárias se transformam numa parte do critério convencional (1977, p. 67).

Dessa forma, a alteração de ideias e, consequentemente, de bases teórico-metodológicas coincide com o período de renovação na ciência: “O significado das crises consiste exatamente no fato de que indicam que é chegada a ocasião para renovar os instrumentos” (Kuhn, 1975, p. 105). Quando uma corrente de pensamento não consegue explicar os fenômenos ou quando outra corrente de pesquisadores traz algo novo em termos teóricos, vê-se o que a “rejeição de um paradigma revelará de uma maneira mais clara e completa: uma teoria científica, após ter atingido o *status* de paradigma, somente é considerada inválida quando existe uma alternativa disponível para substituí-la” (p. 108). Então,

o juízo que leva os cientistas a rejeitarem uma teoria previamente aceita baseia-se sempre em algo mais do que essa comparação da teoria com o mundo. Decidir rejeitar um paradigma é sempre decidir, simultaneamente, aceitar outro, e o juízo que conduz a essa decisão envolve a comparação de ambos os paradigmas com a natureza, bem como sua comparação mútua (p. 108).

Essa mudança de paradigmas traz uma série de processos que podem estar ligados aos velhos paradigmas. Uma nova corrente de pensamento pode aproveitar algumas teorias ou métodos, entretanto, as alterações são significativas e visíveis:

A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido por meio de uma articulação do velho. É, antes, uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações (p. 116).

Silva e Ribeiro compreendem o paradigma como uma reflexão comum entre a maioria dos pesquisadores de dada época:

[...] apreender a força de um paradigma significa, também, em ciências sociais, identificar seu entorno, ou melhor, compreender o conjunto de postulações gerais sobre o momento vivido por determinada sociedade que encaminha, por decorrência lógica, a inserção do paradigma na reflexão coletiva (1985, p. 78).

Essa exposição dos fundamentos de Kuhn (1975) e de outros autores mostrou a preocupação em entender o sentido das mudanças de paradigmas e o que isso poderá representar para as velhas e novas correntes de pesquisadores e de pensamento. Transpondo esse assunto para a geografia agrária, a ruptura dos paradigmas se deve ao seu enfraquecimento teórico-metodológico e às novas ideias que surgem com as combinações de pensamento e metodologias.

Essa mudança não quer dizer que o pensamento predominante do passado tenha deixado de existir, mas, sim, que enfraqueceu (quantitativamente) e que houve modificações nos conceitos operatórios, nas trocas de teorias e nas técnicas de pesquisa. Todavia, ela sempre traz uma perda significativa para a geografia, pois os pesquisadores tendem a abandonar totalmente o conhecimento teórico-metodológico anterior e a criar preconceitos com a utilização de termos ou referenciais teóricos de correntes de pensamento passadas.

Método hermenêutico: uma metodologia para entender a história do pensamento geográfico

Para analisar as características metodológicas da geografia agrária, com base nos períodos científicos em geografia de 1939 a 2009, utilizamos a hermenêutica como esquema teórico-metodológico, compreendida pelo método hermenêutico e pelas análises de discurso (qualitativo) e conteúdo (quantitativo).

Assim, explicaremos as ideias sobre o método hermenêutico fundamentadas em Gadamer (2003), pois esse autor abarca uma gama de concepções qualitativas e quantitativas para o entendimento teórico-metodológico desse método.

O método hermenêutico e a compreensão da linguagem

O método hermenêutico será uma das bases de nossa metodologia. A partir dele, conseguiremos interpretar o material consultado e compreender seu sentido teórico. Como hermenêutica, Demo define:

Podemos dizer que é a metodologia da interpretação, ou seja, dirige-se a compreender formas e conteúdos da comunicação humana, em toda a sua complexidade e simplicidade. O intérprete é sempre alguém dotado de bagagem prévia, porque ninguém consegue compreender a comunicação sem deter algum contexto relativo a ela, em sentido prévio (1995, p. 249).

De forma sucinta, a hermenêutica designa que “conhecer é interpretar, fenômeno que acontece na própria linguisticidade que fundamenta qualquer ‘*verbum*’ mental ou expresso como evento histórico” (Biagioni, 1983, p. 13). A análise hermenêutica do texto e do autor se inter-relaciona com o contexto histórico, não sendo atemporal:

[...] história e linguagem interagem não como condição do conhecimento que se torna compreensão, mas como o modo de ser do próprio homem. É assim que a linguagem passa a ser – historicamente – a estrutura ontológica desse ser histórico que é o homem, ser dialógico por natureza, já que diante de qualquer conteúdo significativo ele sabe que este – conteúdo significativo – ocorre em seu próprio mundo de compreensão, interpretando-o no horizonte de sua compreensão histórica (p. 16).

Por esse motivo, a utilização do método hermenêutico é essencial para a história do pensamento geográfico. Do mesmo modo, a análise de Gadamer (2003) acerca da compreensão do momento histórico é fundamental para a investigação. Biagioni reforça esse elemento histórico na concepção hermenêutica, pois somente com esse contexto é possível entender o sentido da linguagem, ou seja, das obras, dos textos e do material escrito: “A história, pois, é o fundamento objetivo do pensamento. A consciência é história. Daí, a realidade hermenêutica em que só se podem compreender as partes no contexto do todo” (1983, p. 25).

Portanto, a análise hermenêutica tem como finalidade identificar o caminho percorrido por autor, correntes de pensamento e escolas por meio da análise da linguagem, da compreensão da linguagem adotada.

A linguagem é o único meio da experiência hermenêutica. Em outras palavras: conhecer é compreender; compreender é interpretar; e o interpretar só acontece na linguagem que é própria de quem ‘fala’ (sujeito), mas é também a única forma pela qual o ‘objeto’ – e por ele o ‘sujeito’ – se deixa ser conhecido e expresso (Gadamer, 2003, s. p.).

Os textos escritos pelos autores não bastam para o completo entendimento de seu pensamento, é necessário buscar a história: “Não serão as ‘letras’, o dado gráfico (mes-

mo compreendidos com exatidão) que determinarão a situação dialogal, mas o texto transformado em linguagem viva, a ‘história’” (Biagioni, 1983, p. 42). O pensamento do autor está diretamente ligado à sua visão de mundo, à sua concepção científica sobre determinado assunto. Dessa forma, Biagioni apresenta algumas ideias de Gadamer em relação a essa questão:

Cada palavra faz ressoar a totalidade da língua a que pertence e faz aparecer, também, a totalidade da ‘visão de mundo’ que é base dessa mesma língua. [...] A própria linguagem que revela a finitude da nossa experiência, do ‘nosso mundo’ como um ‘mundo’ limitado, histórico (Gadamer apud Biagioni, 1983, p. 54).

Utilizando a hermenêutica fundamentada em Gadamer, deixamos claro o procedimento adotado nas análises dos textos: “Aquele que quer compreender não se pode entregar de antemão ao arbítrio de suas próprias opiniões prévias, ignorando a opinião do texto da maneira mais obstinada e consequente possível – até que este acabe por não poder ser ignorado e derrube a suposta compreensão” (2003, p. 358). Assim, para uma leitura das obras, o método hermenêutico de Gadamer analisa seu momento histórico e permite entender a base teórica de seus autores:

Querer simplesmente subtrair a historiografia e a investigação histórica à competência da reflexão histórico-efetual significa reduzi-la à indiferença extrema. É justamente a universalidade do problema hermenêutico que questiona o que está por trás de todas as espécies de interesses pela história, porque se refere àquilo que está como fundamento para a ‘questão histórica’ (pp. 18-9).

A historicidade é um elemento essencial para uma leitura hermenêutica das obras. De acordo com Caldas, o método hermenêutico

são meios para decompor, sintetizar, compreender, criar, destruir e recriar criticamente ‘determinado presente’. Ao mesmo tempo que é conjunto móvel e crítico de procedimentos, é a própria historicidade reduzindo-se e realizando-se ao nível do processo de investigação criativa (1997, p. 23).

Caldas explica essas conjunturas que envolvem o método hermenêutico e sua utilização nas ciências humanas:

A hermenêutica deve estabelecer as conexões entre a prática produtiva, a estrutura social, os diversos poderes de classe, as ideologias, as representações mentais. Exatamente por

essa realidade social ser um amálgama de dicotomias, é que o homem é um ser virtual e não um ser-em-si (p. 28).

O método hermenêutico e as análises discursivas e de conteúdo são cooperações entre essas abordagens, e a fusão ajudará a desenvolver novos caminhos para as investigações científicas por vezes engessadas em virtude de métodos predeterminados ou simplesmente mecânicos para a realização de uma pesquisa. Para a história do pensamento e a leitura da linguagem dos autores, cremos em um mosaico de ideias e esquemas metodológicos para enriquecer o debate epistemológico.

As análises discursivas e de conteúdo

O método hermenêutico, por visar analisar as estruturas e compreender a linguagem, utiliza análises de discurso e de conteúdo para o bojo metodológico da epistemologia, trazendo contribuições valiosas para o entendimento da história do pensamento geográfico.

O objetivo de desvendar o discurso remete a questões político-ideológicas do autor: “Análise do discurso propõe o entendimento de um plano discursivo que articula linguagem e sociedade, entremeadas pelo contexto ideológico” (Rocha e Deusdará, 2005, p. 308).

A concepção de mundo do autor é desvendada pela análise do discurso, técnica “capaz de inter-relacionar uma organização textual e um lugar social determinados [...] toda atividade de pesquisa é uma interferência do pesquisador em dada realidade” (p. 315). Nesse sentido, a abordagem sócio-histórica é fundamental para essa questão:

A linguagem, de um ponto de vista discursivo, não pode apenas representar algo já dado, sendo parte de uma construção social que rompe com a ilusão de naturalidade entre os limites do linguístico e os do extralinguístico. A linguagem não se dissocia da interação social (p. 319).

Assim, faz-se necessário analisar em qual perspectiva a relação social de poder no plano discursivo se constrói, assim como a articulação entre linguagem e sociedade, a materialidade do discurso, a ação no mundo e o espaço de construção de olhares diversos sobre o real, para compreender o significado das ideias e dos valores do discurso (Rocha e Deusdará, 2005).

Dessa forma, para estudar a história do pensamento geográfico, partimos para a técnica da análise do discurso como uma ferramenta capaz de inferir e mostrar as ideias dos textos, a linguagem por meio do discurso dos autores. Nesse sentido, acerca do discurso, concordamos com Bardin:

O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração [...] uma atualização parcial de processos, em sua grande parte, inconscientes e a estruturação e as transformações provocadas pela passagem pelo fluxo da linguagem e pelo outro (1995, p. 48).

Isso que dizer que a ideia, o discurso do autor, pode variar de acordo com o contexto histórico, e suas matrizes ideológicas podem sofrer mudanças e não serem estáticas; ou seja, podemos inferir sobre o pensamento do autor, desvendando sua matriz ideológica: “A inferência é o procedimento que permite ao analista captar em dado tipo de documento (nos textos, por exemplo) os vestígios que permitirão descobrir a manifestação de estados, de dados e de fenômenos” (Rocha e Deusdará, 2006).

Logo, a geografia, como disciplina, apresenta uma característica peculiar, e suas subsequentes divisões temporais apresentam propriedades ordinais. O que classifica uma escola de pensamento são suas maturações filosóficas, ideológicas e a presença de uma doutrina que abarque todos esses elementos epistemológicos. Essa análise do conteúdo na estrutura da linguagem não é conclusiva, mas é um passo importante para o entendimento das ideias do autor. Aliada à hermenêutica centrada em Gadamer, essa complementaridade teórico-metodológica faz essa metodologia não se filiar apenas a um método ou a uma base teórica (organograma 1).

Organograma 1 – Características da metodologia hermenêutica

Fonte: Alves (2010, p. 32).

Para investigar a história do pensamento geográfico, utilizamos uma metodologia pautada na hermenêutica, que é complementar aos estudos da linguagem e do discurso. Concordamos com a posição de Rocha:

Não há, pois, oposição entre as duas vias; a sua confrontação sugere mesmo a complementaridade: por um lado, não há análise estrutural sem doação indireta de sentido, que institui o campo semântico a partir do qual possam discernir-se homologias estruturais; e, por outro, a busca do sentido pressupõe um mínimo de compreensão das estruturas, porque, isolado, o símbolo é demasiado polissêmico. A análise estrutural não é um empreendimento exterior para a compreensão dos símbolos, mas o intermediário necessário para a incidência hermenêutica (1990, p. 107).

Assim, neste estudo, utilizar dois métodos para entender a história do pensamento geográfico favorece o alcance dos objetivos propostos. A respeito da fusão entre esses dois métodos, da compreensão e do discurso, citamos Rocha:

[...] se uma explicação semiológica não implica a questão do sujeito, remetendo para as ‘categorias inconscientes do pensamento’, o plano semântico envolve o campo da consciência; com efeito, a linguagem é mais que o plano semiológico; é, além da língua, também o discurso, e apenas então se pode falar de significação (p. 108).

Nesse sentido, os dois métodos podem ser utilizados:

O sujeito produtor de sentido na hermenêutica torna-se sujeito já inscrito no sentido no estruturalismo; de fato, a análise estrutural supõe que o sujeito se descentra relativamente ao objeto. A hermenêutica procura recuperar e assumir, pela reflexão progressiva e regressiva, a atualidade de compreensão das mensagens, projetadas numa totalidade, presente como ideal regulador e atuante como teleologia (p. 109).

Essa complementaridade dos métodos na explicação dos fenômenos da linguagem é exposta por Rocha: “A esta relação entre signo e frase corresponde, de algum modo, a do estruturalismo e da hermenêutica: tal como o signo é integrado na frase, o estruturalismo é um intermediário da hermenêutica” (p. 121). O esquema 2 exemplifica o modo como as ideias se complementam nesse pluralismo metodológico.

Esquema 2 – Desenvolvimento metodológico para compreender a história do pensamento geográfico

Fonte: Alves (2010, p. 33).

Portanto, a análise dos textos conjugará as técnicas advindas dos diferentes métodos e explicará as bases teórico-metodológicas dos autores, a fim de estruturar uma classificação das diferentes linhas de pensamento.

Técnica de pesquisa e amostragem

Os estudos sobre a história do pensamento desenvolvidos por Reis Júnior (2008) mostram técnicas divididas em cinco etapas para a interpretação do pensamento geográfico:

1. *Representatividade argumentativa*: o pesquisador trabalhará forçosamente com indícios mínimos.

2. *Frequência textual*: se filosofia → discurso e filosofia → escola, então discurso = escola.
3. *Espectro de concepções no tempo*: é a manifestação de sensíveis mudanças no conjunto de ideias do autor.
4. *Consistência dos juízos*: há dados que só seremos felizes em transplantar se formos buscá-los junto aos veículos literários mais explicitamente consagrados em examiná-los.
5. *Dado biográfico*: de algum modo, o pesquisador se sente obrigado a procurar, na escala do indivíduo, dados potencialmente determinantes.

Utilizamos algumas dessas técnicas na interpretação dos artigos. Selecionamos dez periódicos brasileiros sobre geografia, com no mínimo dez anos de circulação:¹ *Revista Brasileira de Geografia* (RBG), que circulou entre 1939 e 2005, totalizando 219 edições; *Boletim Geográfico* (BG), que circulou entre 1943 e 1978, totalizando 258 edições; *Boletim Paulista de Geografia* (BPG), que iniciou as atividades em 1949 e circula até hoje, totalizando 88 edições; *Boletim de Geografia Teórica* (BGT), que circulou entre 1971 e 1995, totalizando 50 edições; *Geografia (Rio Claro)*, que iniciou suas atividades em 1976 e circula até hoje, totalizando 80 edições; *Boletim Goiano de Geografia* (BGG), que iniciou suas atividades em 1982 e circula até hoje, totalizando 37 edições; *Terra Livre*, que iniciou suas atividades em 1986 e circula até hoje, totalizando 33 edições; *Geosul*, que iniciou suas atividades em 1986 e circula até hoje, totalizando 48 edições; *Sociedade & Natureza*, que iniciou suas atividades em 1989 e circula até hoje, totalizando 42 edições; e *GeoUSP*, que iniciou suas atividades em 1997 e circula até hoje, totalizando 26 edições. No montante dos periódicos consultados, chegou-se a 881 revistas com 691 artigos de geografia agrária (esquema 3).

¹ Convém destacar a relevância de outros periódicos em geografia, não menos importantes que os analisados, como *GeoUERJ* (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), *Boletim Gaúcho de Geografia* (Associação do Geógrafos Brasileiros, AGB), *Mercator* (Universidade Federal do Ceará, UFC), *Campo-Território* (Universidade Federal de Uberlândia, UFU), *Território* (Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ), *Geographia* (Universidade Federal Fluminense, UFF), *Revista do Departamento de Geografia* (Universidade de São Paulo, USP), *Geografia* (Universidade Estadual de Londrina, UEL), entre outros.

Esquema 3 – Metodologia da investigação

Técnicas	Material	Teorias	Método
-Análise de Conteúdo; -Análise do Discurso; -Representatividade argumentativa; -Frequência textual; -Espectro de concepções; -Consistência de juízos.	-219 edições da Revista Brasileira de Geografia (1939-2005); -258 edições do Boletim Geográfico (1943-1978); -88 edições do Boletim Paulista de Geografia (1949-2009); -50 edições do Boletim de Geografia Teorética (1971-1995); -80 edições da Geografia (Rio Claro) (1976-2009); -37 edições do Boletim Goiano de Geografia (1982-2009); -33 edições da Terra Livre (1986-2009); -48 edições da Geosul (1986-2009); -42 edições da Sociedade & Natureza (1989-2009); -26 edições da Geousp (1997-2009). Total: 881 Revistas	-Hermenêutica (GADDAMER, 2003); -Paradigmas e evolução epistemológica (KUHN, 1975).	-Hermenêutico (Compreensão e interpretação de textos);

Fonte: Alves (2010, p. 35).

Os artigos analisados são referentes à geografia agrária ou rural. Segundo Diniz (1984), esses estudos incluem os ligados à geografia agrícola e à agricultura, além dos relacionados à paisagem rural e a seus elementos. A seleção dos artigos não se limitou a trabalhos publicados por geógrafos brasileiros; abrangeu autores de outras ciências e nacionalidades, tendo em vista a grande importância de geógrafos estrangeiros, como Pierre Monbeig e Leo Waibel, e de outros cientistas sociais e humanos.

Nos estudos linguísticos, o método hermenêutico (Gadamer, 2003) satisfaz as necessidades de *compreensão* dos textos escritos, ao permitir a análise de seu contexto histórico-textual e das concepções de seus autores, levando-nos a identificar aquilo que Reis Júnior chama de “espectro de concepções no tempo” e “consistência de juízos” (2008).

As informações quantificáveis e discursivas no texto foram entendidas pelas técnicas de análise de conteúdo e discurso, formando a “representatividade argumentativa” e “frequência textual” exemplificadas por Reis Júnior (2008). Uma das técnicas utilizadas foram a seleção e o agrupamento das palavras-chave dos resumos dos artigos

que continham esses elementos, o que serviu para a caracterização e a classificação das abordagens desses textos.

Além das referências técnicas e metodológicas de Reis Júnior (2008), o processo investigativo na história do pensamento da geografia agrária, principalmente o teórico-metodológico, já foi estudado em Alves e Ferreira (2007, 2008a, 2008b). O material utilizado em nossa pesquisa foi consultado na Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* Rio Claro, e no site da Biblioteca Digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que disponibiliza todas as edições da *Revista Brasileira de Geografia* e boa parte dos exemplares do *Boletim Geográfico*. Também foram feitas consultas aos periódicos via internet e aos trabalhos realizados no Núcleo de Estudos Agrários (NEA) na UNESP Rio Claro.

A análise dos artigos publicados nos periódicos foi realizada em uma sequência temporal organizada por décadas, citando-se os trabalhos publicados em cada ano, a fim de organizar um quadro com as abordagens e os métodos utilizados pelos autores. Ao indicar a predominância metodológica de abordagem em cada década e elaborar a divisão dos textos em paradigmas e filosofias que sobrepujaram o período, esse levantamento historiográfico servirá para as análises de temas estudados e de métodos e técnicas aplicados ao estudo agrário.

Pesquisa semelhante foi desenvolvida por Ferreira (2002), que se debruçou sobre estudos em geografia agrária realizados entre 1930 e 1990, com base em anais de eventos científicos em geografia, periódicos, dissertações e teses. Bonnamour (1997) averiguou os caminhos epistemológicos da geografia agrária na França, especialmente da década de 1970 à de 1990. Esses estudos mostraram um caminho metodológico a seguir na perspectiva da evolução teórico-metodológica da geografia agrária brasileira.

Em cada década, destacamos um ou mais autores que deram uma contribuição valorosa para a geografia agrária, os quais foram apresentados em um box com informações referentes à sua biografia, produção intelectual e metodologia de pesquisa. Destacamos suas ideias de acordo com o esquema 1, que trata dos elementos metodológicos da pesquisa científica.

A utilização das abordagens metodológicas

A definição das abordagens metodológicas seguiu alguns pressupostos classificatórios, na tentativa de sistematizar o material consultado. Tendo em vista os grandes métodos da ciência – indutivo, dedutivo, dialético e fenomenológico –, esforçamo-nos para não agrupar os artigos pesquisados no rol de métodos, mas sim em expandir o horizonte classificatório, pois muitos textos não deixavam claras suas bases teórico-metodológicas e apresentaram ideias desconexas com o método aparentemente pré-julgado.

Após as análises realizadas, criaram-se 18 abordagens metodológicas (quadro 1), com intuito de percorrer o trajeto da geografia agrária contemplando o máximo de concepções possível.

Quadro 1 – Abordagens metodológicas empregadas na análise da história da geografia agrária

Abordagens metodológicas em geografia agrária	
Descritiva	Sociológica
Histórica	Sistemática
Estatística	Política
Comparativa	Cultural
Causa-efeito/causalidade	Teórico-metodológica
Determinista	Agronômica/agrícola
Estatística-fisionômica-ecológica	Econômica
Histórica	Ambiental
Neopositivista	Fenomenológica

Organização: Flamarion Dutra Alves.

Tentamos classificar cada artigo em uma única abordagem, mas, como muitos apresentavam múltiplos aspectos nesse quesito, a classificação ultrapassou esse número.

Considerações finais

Com as necessidades e os desafios impostos para a ciência, as pesquisas estão cada vez mais atentas a novas técnicas, teorias e métodos para abordar realidades dinâmicas e complexas. Sugerimos uma diversidade de abordagens para as investigações, caso não se consiga atingir os objetivos propostos com a adoção de um só método de pesquisa.

Neste estudo, a utilização da hermenêutica contemplou a diversidade de temas que a geografia agrária brasileira abarcou ao longo de sua história. A criação de 18 abordagens metodológicas servirá para dar subsídio a essa multiplicidade de concepções.

Toda pesquisa que trate da história da geografia deve buscar a compreensão, por meio da hermenêutica, da base teórico-metodológica de autores, escolas, temáticas, instituições, grupos de pesquisa, entre outros, sempre a aliando com o momento

histórico. Esse elemento, o tempo, é fundamental para entender os movimentos políticos de cada época, as tecnologias presentes, o andamento da economia e todos os reflexos que o período exerce na organização do espaço e na produção científica, ou seja, o modo de fazer ciência – geografia, em nosso caso – reflete as consequências e demandas de cada época.

Referências

- ALVES, Flamarion Dutra. *Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: a produção em periódicos científicos de 1939 a 2009* (tese). Universidade Estadual Paulista, 2010, 350 p.
- e FERREIRA, Enéas Rente. “Evolução e perspectivas da metodologia em geografia agrária”. *Anais do Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP*. Rio Claro: AGETEO, 2007, v. 7, pp. 725-35.
- . “Pressupostos teórico-metodológicos da geografia rural brasileira: evolução e tendências”. *Anais do Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico*. Uberlândia: UFU, 2008a, pp. 1-14.
- . “Elementos metodológicos da geografia agrária clássica: a produção em periódicos brasileiros”. *GeoUERJ*, Rio de Janeiro, 2008b, v. 2, n. 18, pp. 43-61.
- BACHELARD, Gaston. *Epistemologia*. 2 ed. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BIAGIONI, João. *A ontologia hermenêutica de H. G. Gadamer*. Uberlândia: UFU, 1983.
- BONNAMOUR, Jacqueline. “La géographie rurale pendant le dernier quart de siècle”. *Ruralia*, Lyon, 1997, v. 1, pp. 2-20.
- BURTON, Ian. “A revolução quantitativa e a geografia teorética”. *Boletim de Geografia Teorética*, Rio Claro, 1977, v. 7, n. 13, pp. 63-84.
- CALDAS, Alberto Lins. “Dialética e hermenêutica: uma questão de método”. *GeoUSP*, São Paulo, 1997, v. 1, pp. 23-9.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DINIZ, José Alexandre Felizola. *Geografia da agricultura*. São Paulo: Difel, 1984.
- FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. *Mundo rural e geografia. Geografia agrária no Brasil: 1930-1990*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. 5 ed. Tradução de Flávio Paulo Maurer. Petrópolis: Vozes, 2003.
- JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- KUHN, Tomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. “História do pensamento geográfico: como lê-lo para interpretá-la? (as rotinas técnicas)”. *Anais do I Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo*. Rio Claro: AGETEO, 2008, pp. 596-605.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de sentido*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.
- ROCHA, Acílio Estanqueiro. “Hermenêutica e estruturalismo”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, 1990, v. 46, n. 1, pp. 87-124.

- ROCHA, Décio e DEUSDARÁ, Bruno. “Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória”. *ALEA*, Rio de Janeiro, 2005, v. 7, n. 2, pp. 305-22.
- . “Análise de conteúdo e análise do discurso: o linguístico e seu entorno”. *DELTA*, São Paulo, 2006, v. 22, n. 1, pp. 29-52.
- SILVA, Luis A. Machado da e RIBEIRO, Ana Clara Torres. “Paradigma e movimento social: por onde andam nossas ideias?”. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, 2ª sem. 1985, v. 62, pp. 67-88.
- SPOSITO, Eliseu S. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.